

## A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA EM CRIANÇAS COM AUTISMO<sup>1</sup>

Rosely da Silva Santos, Bolsista de IC, Laefa/Cefd/Ufes

José Francisco Chicon, Doutor, Laefa/Cefd/Ufes

### **Resumo:**

Objetiva compreender como se manifestam a brincadeira de faz de conta em crianças com autismo na brinquedoteca. A metodologia apóia-se num estudo qualitativo, de caráter descritivo e exploratório, orientado para a observação, registro e análise dos episódios de faz de conta de crianças com síndrome do espectro autista, interagindo no mesmo espaço-tempo com crianças de desenvolvimento típico. Os sujeitos serão constituídos por 17 crianças, de ambos os sexos, com idades de três a quatro anos, sendo 10 crianças do Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes com desenvolvimento típico, cinco com a síndrome do espectro autista e duas com síndrome de Down, oriundas da comunidade de Vitória-ES. Os alunos serão atendidos no espaço da brinquedoteca por 11 estagiários do curso de Educação Física, contando com o aluno bolsista, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas, no período de agosto a dezembro de 2016. Os dados serão coletados com uso de videogravação, fotografia e diário de campo. O processo de análise das informações se dará por meio da hermenêutica, a partir da identificação de episódios de aula. Os resultados esperados caminham no sentido de responder as perguntas: as crianças com autismo brincam de faz de conta? Se brincam, como são manifestadas essas situações de brincadeiras?

**Palavras chave:** Educação Física. Autismo. Brincadeira de faz de conta.

### **Introdução**

A intervenção educativa em crianças com autismo tem se colocado como um grande desafio para profissionais da área educacional, devido a dificuldades que se delineiam nos processos interativos, na comunicação com a criança, na

---

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com financiamento da Fapes e CNPq.

compreensão de seus percursos de desenvolvimento e na organização de estratégias e recursos pedagógicos.

O papel da ação educativa intencional e planejada no desenvolvimento infantil já foi apontado por Vigotski (1997, 2007), que identifica na brincadeira um potencial inestimável para a emergência de processos psicológicos de base eminentemente cultural. Especificamente em relação às crianças com deficiência, o autor ressalta que a intervenção pedagógica deve deslocar o foco da deficiência, das limitações da criança para as suas potencialidades, orientando-se para o investimento em ações que promovam a inserção dessa criança em práticas sociais significativas no meio em que está inserida e, entre elas, destacamos o brincar.

Em 1943, Kanner chama a atenção da comunidade científica para uma “síndrome” única, não descrita até aquele momento. É a partir da descrição de características de comportamentos atípicos apresentados por onze crianças que ele oferece os contornos do que denomina naquele momento de distúrbios autísticos do contato afetivo (KANNER, 1997).<sup>2</sup> Segundo esse autor os sujeitos com autismo apresentam movimentos automáticos e repetitivos, repertório de interesses restrito, problemas de coordenação motora e de equilíbrio, dificuldade para iniciar movimentos, alterações sensoriais (auditivas, visuais, olfativas, táteis e gustativas), percepção a dor diminuída, alteração de linguagem, **diminuição de jogo imaginário**, distúrbios de alimentação, podendo estar associado a convulsões e a outras deficiências (KANNER, 1997).

Dentre as diretrizes utilizadas pela Organização Mundial de Saúde (1993, p. 247-248) para o diagnóstico do autismo estão presentes o “Comprometimento em brincadeiras de faz de conta e jogos sociais de imitação [...]”. Esse entendimento está presente em diferentes concepções teóricas de desenvolvimento, que consideram que a incapacidade para brincadeiras em crianças com autismo ocorre por diversos fatores ligados ao aparato orgânico

---

<sup>2</sup> O artigo de Kanner, “Autistic disturbances of affective contact”, originalmente publicado em inglês em *Nervous Child*, em 1943, n. 2, p. 217-250, foi traduzido para o português da versão francesa e publicado em 1997, como parte da coletânea “Autismos”, organizada por Paulina Schmidtbauer e publicada pela editora Escuta.

(BEYER, 2002), problemas com simbolização ou representação de um objeto ausente (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004) e distúrbios sensoriais (ASSUMPÇÃO-JUNIOR; PIMENTEL, 2000). O brincar dessa criança é muitas vezes compreendido como *bizarro*, as manipulações e os movimentos que ela realiza com os objetos são por vezes percebidos como estereotípias, sem sentido, e deixam de ser significados pelas pessoas próximas — familiares e professores (CHIOTE, 2011).

Contudo, tomando como referência autores vinculados à abordagem histórico-cultural, como Vigotski (2000), Góes (2000a, 2000b, 2002), Pinto e Góes (2006), Orrú (2007), Chiote (2011), Sá, Siquara e Chicon (2015), Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013), concebe-se que o desenvolvimento de todas as funções tipicamente humanas, dentre elas o brincar, se dá nas relações sociais mediadas pelos outros, pelos instrumentos e pela linguagem. Além disso, cabe destacar que as alterações biológicas que comprometem a constituição desta atividade passam a não ser vistas como determinantes desta limitação.

Vários autores (VIGOTSKI, 2007; GÓES, 2002; PINTO; GÓES, 2006; CASTRO; PANHOCA; ZANOLLI, 2011) defendem que, o fato de as crianças com autismo<sup>3</sup> normalmente não brincarem possa estar fortemente vinculado à falta de experiências com brinquedos e brincadeiras, e não apenas devido a fatores orgânicos. Há o entendimento da brincadeira como alto grau de plasticidade que, se reorganiza em função das transformações do meio social; das transformações histórico-culturais (ROCHA, 2000; GÓES, 2000b).

Na compreensão de Vigotski (1997), as características apresentadas pelos sujeitos com deficiência não são causadas apenas pelos déficits neurológicos, mas também, por uma insuficiência no desenvolvimento cultural. Logo, para esse autor, o componente social é visto como determinante no processo de desenvolvimento de indivíduos com alguma deficiência, podendo favorecer ou empobrecer esse funcionamento, de acordo com as experiências que lhes são proporcionadas. O que põe em evidência que não é o *déficit* orgânico o único

---

<sup>3</sup> Até o momento temos preferido o termo “com autismo” para marcar a ideia de que não há uma essência autística nessas crianças, o autismo não se apresenta sempre da mesma forma numa mesma criança e em diferentes crianças.

responsável pelo destino da criança (GÓES, 2002; BAGAROLLO; PANHOCA, 2010).

Sendo assim, visando contribuir na construção do conhecimento sobre a relação entre brincadeira e o desenvolvimento da criança com autismo, realizamos o projeto de pesquisa em andamento "O brincar da criança com autismo na brinquedoteca: inclusão, mediação pedagógica e linguagem", com o objetivo de compreender o brincar da criança com autismo em contexto de aprendizagem inclusivo e suas implicações para desenvolvimento infantil, baseados nos estudos da matriz histórico-cultural. No entanto, ao analisar melhor esse projeto, percebemos a necessidade de maior investimento no estudo da brincadeira de faz de conta da criança com autismo, devido a duas razões principais, a saber:

a) pelas características apontadas no diagnóstico relativas ao "Comprometimento em brincadeiras de faz de conta e jogos sociais de imitação [...], uma relativa ausência de criatividade e fantasia nos processos de pensamento" (OMS, 1993, p. 247-248) e;

b) as crianças com autismo, assim como todas as outras, podem desenvolver capacidade para a atividade lúdica, desde que imersas no meio cultural, na vida social, nas experiências com outras crianças, brinquedos e brincadeiras (FREITAS, 2008).

Com esse entendimento sobre o valor das brincadeiras de faz de conta para o desenvolvimento infantil, logo também da criança com autismo, decidimos pela organização deste subprojeto de pesquisa, que carrega a incumbência de buscar respostas as seguintes questões norteadoras: as crianças com autismo brincam de faz de conta? Se brincam, como são manifestadas essas situações de brincadeiras? Por quanto tempo mantém essa atividade? Que tipos de objetos são envolvidos? Quem participa dessas brincadeiras? Inicia a brincadeira ou é incentivada para tal?

Nessa direção, cabe destacar que além da brincadeira ser considerada uma atividade socialmente construída, os autores da teoria histórico-cultural (VIGOTSKI, 2007; GÓES, 2000b; LEONTIEV, 2003) atribuem a ela papel

fundamental para o desenvolvimento infantil, na medida em que proporciona à criança a apropriação da cultura em que vive, pois durante as brincadeiras ela (re)produz as situações, os cenários, os dizeres, os objetos, as regras, os modos de agir, os valores e as formas de relacionamento do grupo social (GÓES; LEITE, 2003).

### **Objetivos**

- Compreender como se manifestam a brincadeira de faz de conta em crianças com autismo na brinquedoteca.
- Descrever e analisar episódios de brincadeiras de faz de conta envolvendo crianças com autismo na brinquedoteca.

### **Metodologia**

- O estudo se configura numa pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Está orientado para a observação, registro e análise dos episódios de faz de conta de crianças com síndrome do espectro autista, interagindo no mesmo espaço-tempo com crianças de desenvolvimento típico.
- Os participantes do estudo serão 17 crianças, de ambos os sexos, com idades de três a quatro anos, sendo 10 crianças do Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes com desenvolvimento típico, cinco com a síndrome do espectro autista e duas com síndrome de Down, oriundas da comunidade de Vitória-ES. Esses alunos serão atendidos na brinquedoteca, organizada no espaço do Laboratório de Educação Física Adaptada, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo (Laefa/CEFD/Ufes), por onze estagiários do Curso de Educação Física, contando com o aluno bolsista, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas, no período de agosto a dezembro de 2016, totalizando 14 aulas/registros.
- A dinâmica inicial das aulas será caracterizada pelo acolhimento e a conversa inicial com as crianças sentadas no centro da brinquedoteca, momento em que haverá o diálogo com elas sobre os acontecimentos da

aula anterior e sobre as atividades previstas. No segundo momento da intervenção, serão realizadas as atividades propriamente ditas. Para finalizar, será realizada nova conversa a respeito das atividades vivenciadas durante a aula.

- Durante o atendimento, os estagiários assumirão as seguintes funções: o aluno bolsista de iniciação científica atuará auxiliado por um estagiário no registro das aulas em videogravação e fotografias, sete no acompanhamento das crianças com autismo e síndrome de Down e dois na coordenação da aula. Para além desse momento, a equipe de pesquisa (o professor orientador, o aluno bolsista e os dez estagiários envolvidos) reunir-se-á logo após o atendimento para realizar a avaliação e planejamento do encontro seguinte (das 15 às 16 horas) e grupo de estudos (das 16 às 17 horas).
- Como instrumentos de coleta de dados serão utilizados a observação participante, videogravação das sessões e registros em diário de campo. O processo de análise das informações se dará por meio da hermenêutica, a partir da identificação de episódios de aula, que sejam ilustrativos da realização de brincadeiras de faz de conta por crianças com autismo.

## **Referências**

ASSUMPÇÃO-JUNIOR, F. B.; PIMENTEL, A. C. M. Autismo infantil. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 37-39, 2000.

BAGAROLLO, M. F.; PANHOCA, I. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 16, n. 2, p. 231-50, 2010.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. O Brincar de uma Criança Autista sob a Ótica da Perspectiva Histórico-Cultural. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 19, n.1, p. 107-120, Jan./Mar., 2013.

CASTRO, G. S.; PANHOCA, I.; ZANOLLI, M. L. Interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com síndrome de Down, comportamentos

autísticos e privação de estímulos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 730-38, 2011.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

FREITAS, A. B. F. O espectro autista no contexto institucional: aspectos constitutivos do desenvolvimento. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 25, n. 76, p. 49-61, 2008.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

GÓES, M. C. R. A Abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, 2000a.

GÓES, M. C. R. O jogo imaginário na infância: a linguagem e a criação de personagens. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23., 2000b, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPED, 2000b. Disponível em: <http://www.anped.org.br/23/textos/0713t.PDF>. Acesso em: 18 nov. 2015.

GÓES, M. C. R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T.; REGO, T. C. (Org.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-114.

GÓES, M. C. R.; LEITE, A. I. P. Cognição e imaginação: a elaboração do real pela criança e as práticas de educação infantil. In: ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO, 2., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. In: ROCHA, P. S. et al. **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997. Centro de Pesquisa em Psicanálise e linguagem.

LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 8. ed. São Paulo: Ícone, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ORGANIZAÇÃO mundial de saúde (OMS). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 1993.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PINTO, G. U.; GÓES, M. C. R. Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 12, n. 1, p. 11-28, 2006.

ROCHA, M. S. P. M. L. **Não brinco mais**: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

SÁ, M. das G. C. S. de; SIQUARA, Z. O.; CHICON, J. F. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 37 n. 4, p. 355-361, out./dez. 2015.

Disponível

em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000785>>.

Acesso em: 27 abr. 2016.

VASQUES, C. Uma leitura em diagonal: as relações entre o diagnóstico e a inclusão escolar de sujeitos com autismo e psicose infantil. **Contrapontos**, vol. 9, n. 1, p. 30-42, jan./abr., 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**: fundamentos da defectologia. 5. ed. Madri: Visor, 1997.